

-PERCORRER

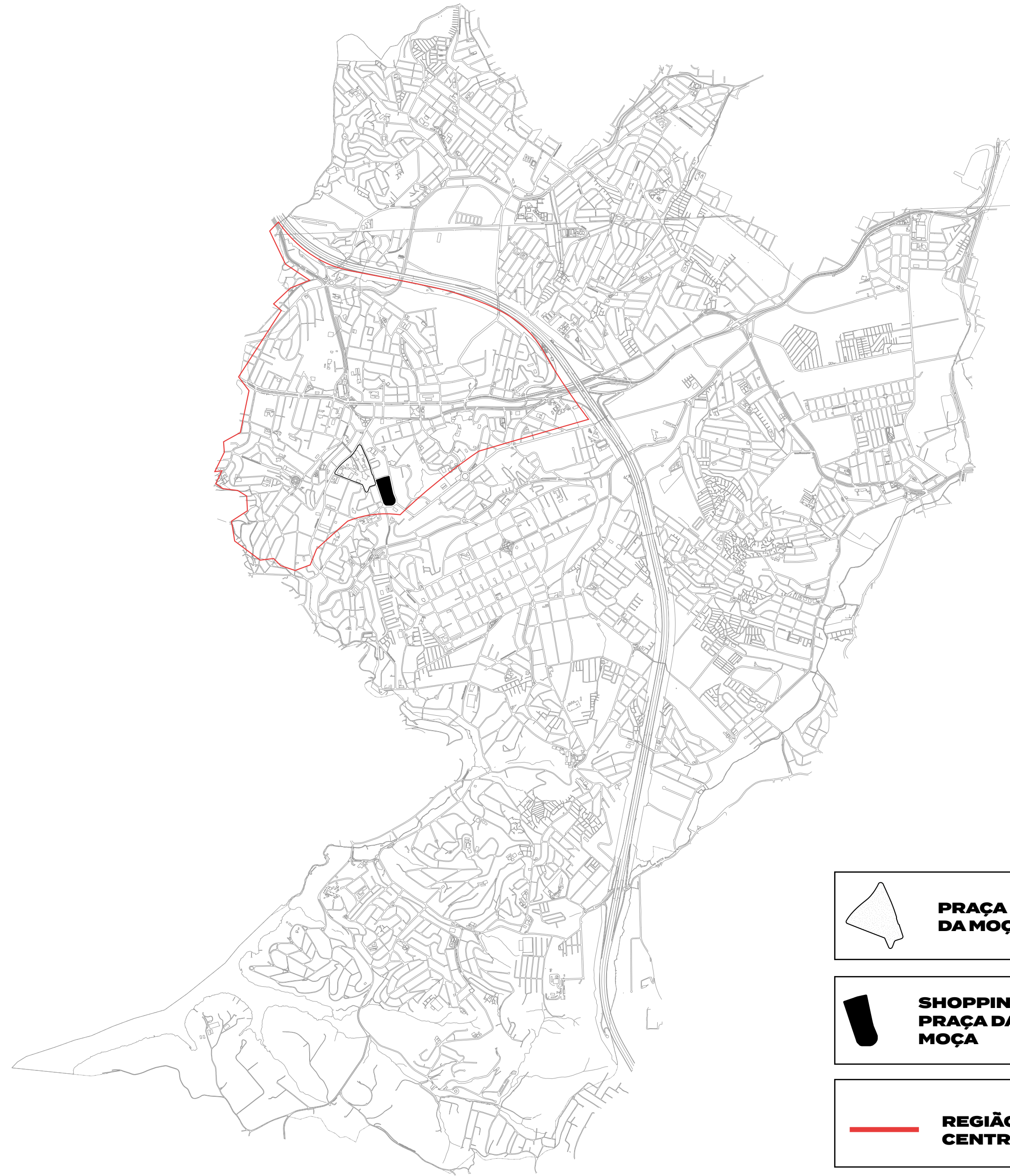
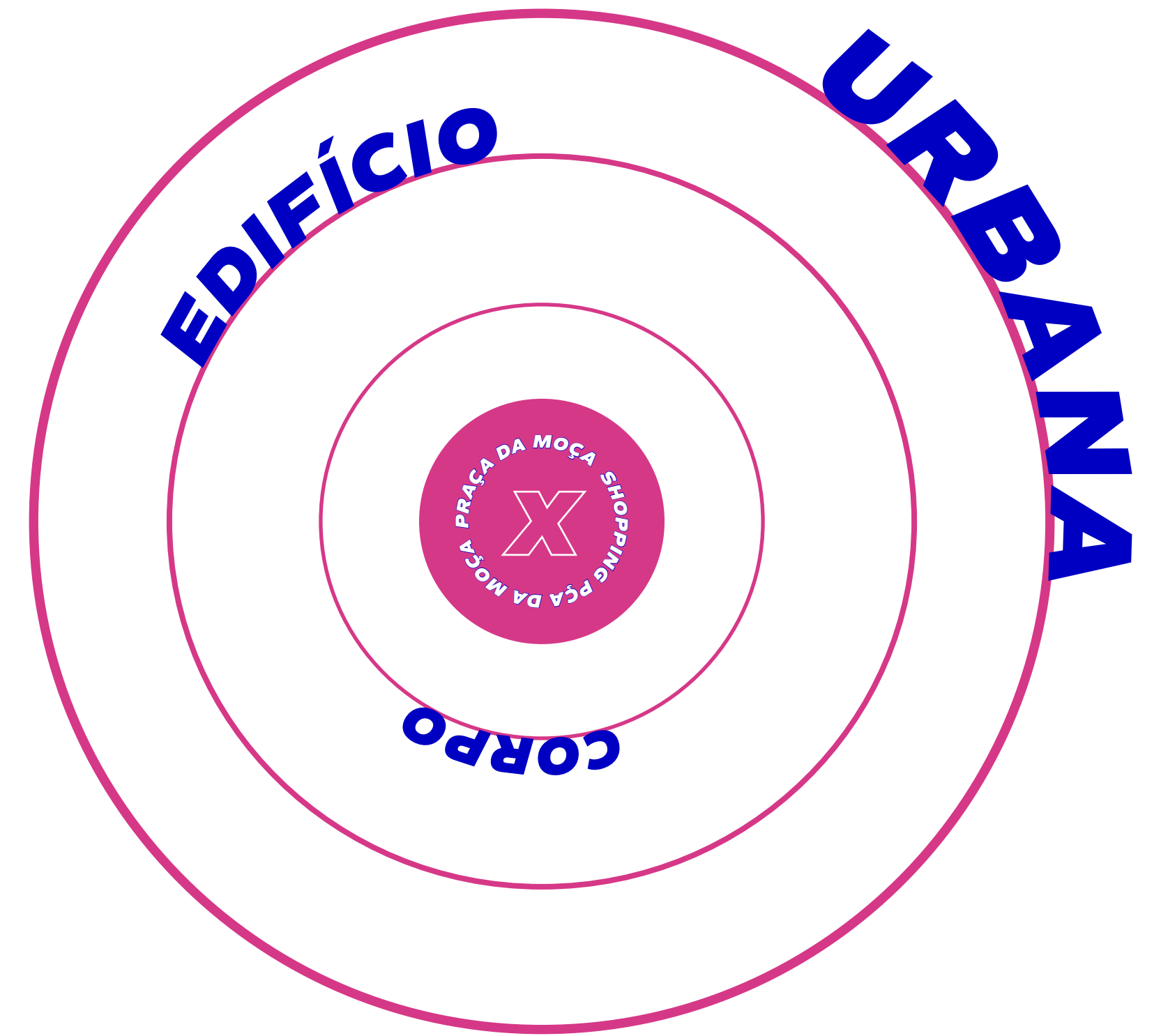
VERBO

TRANSITIVO

DIRETO

PRAÇA X SHOPPING

O B E S C A L A S



 **PRAÇA DA MOÇA**

 **SHOPPING PRAÇA DA MOÇA**

 **REGIÃO CENTRO**

HORIZONTAL

VERTICAL

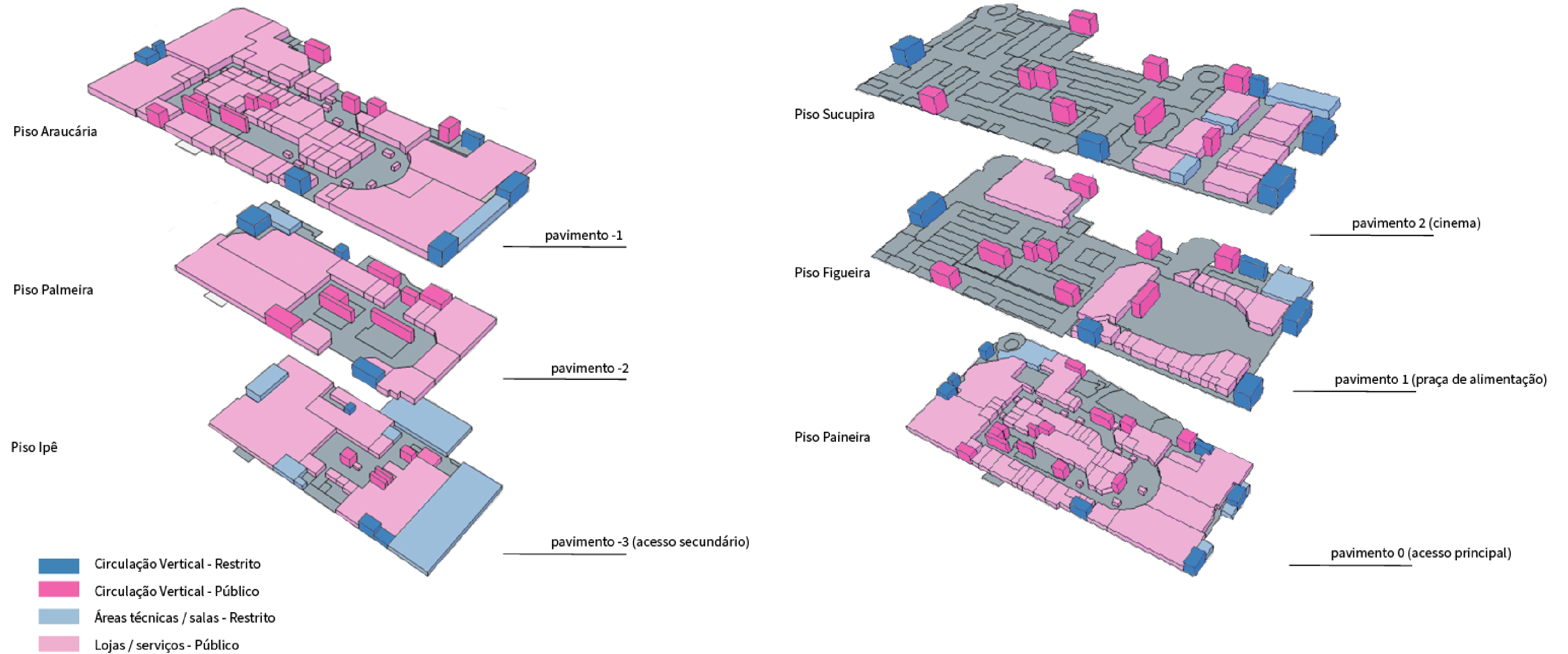


PERCURSO

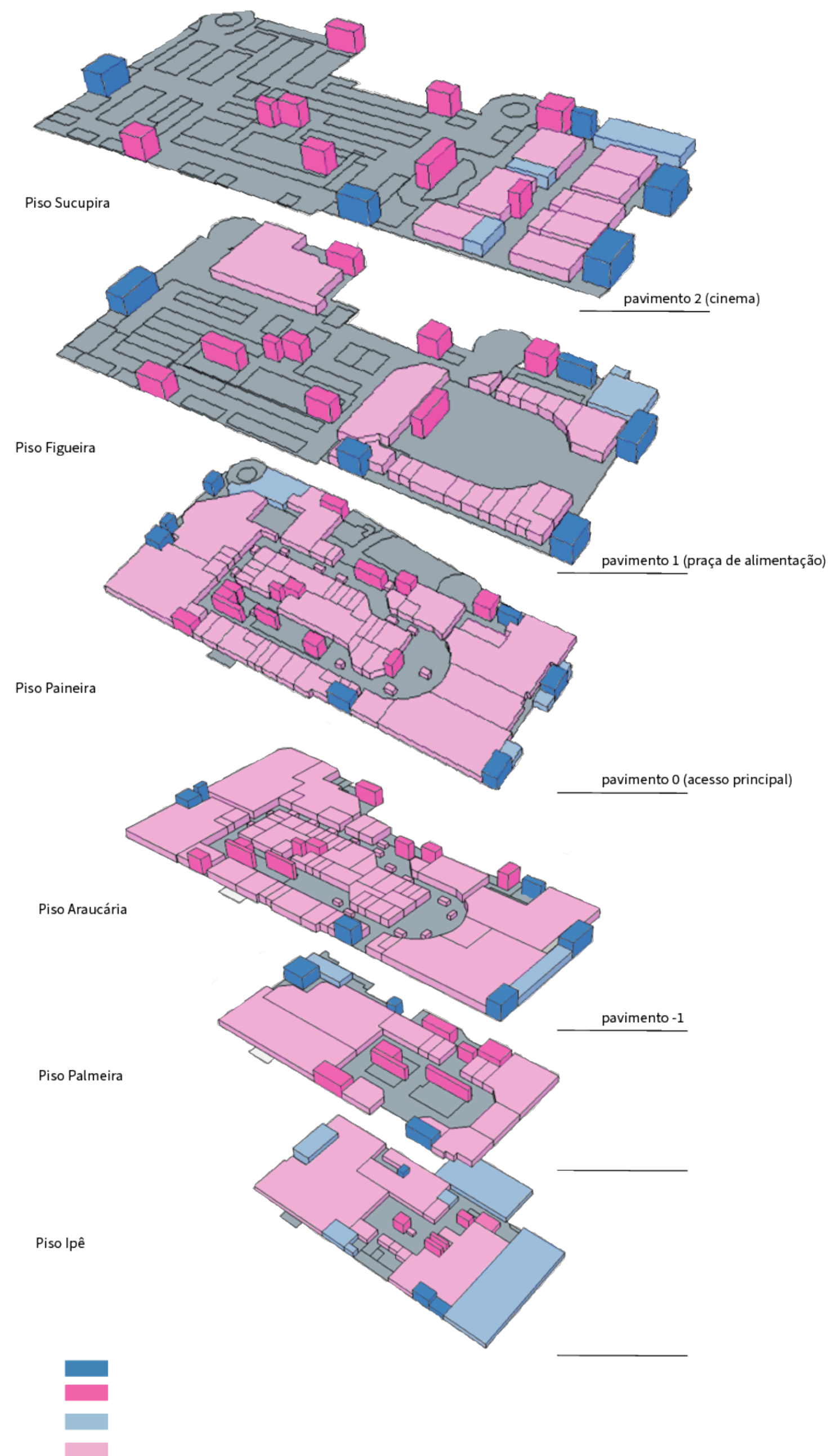
FÍSICO

MECÂNICO

PERCURSOS NO SHOPPING



Esses diagramas são um estudo inicial sobre a setorização e uso dos espaços internos do shopping. Entender como se distribui os programas dentro desse equipamento, nos ajuda também, a compreender como são as circulações e percursos tanto do público em geral, como dos funcionários.

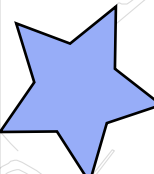


RELEVO



PERCURSOS ATÉ O SHOPPING

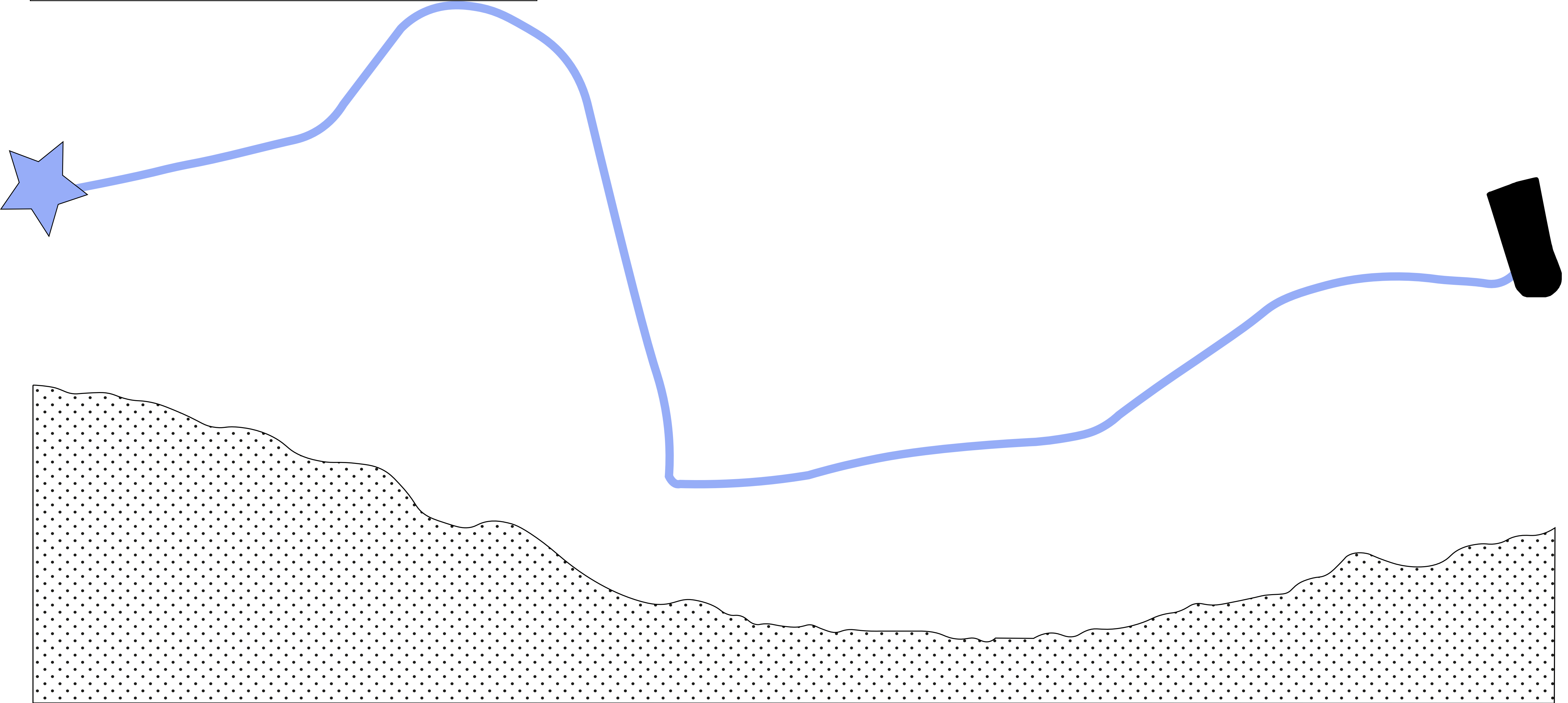


 **CENTRO EDUCACIONAL**

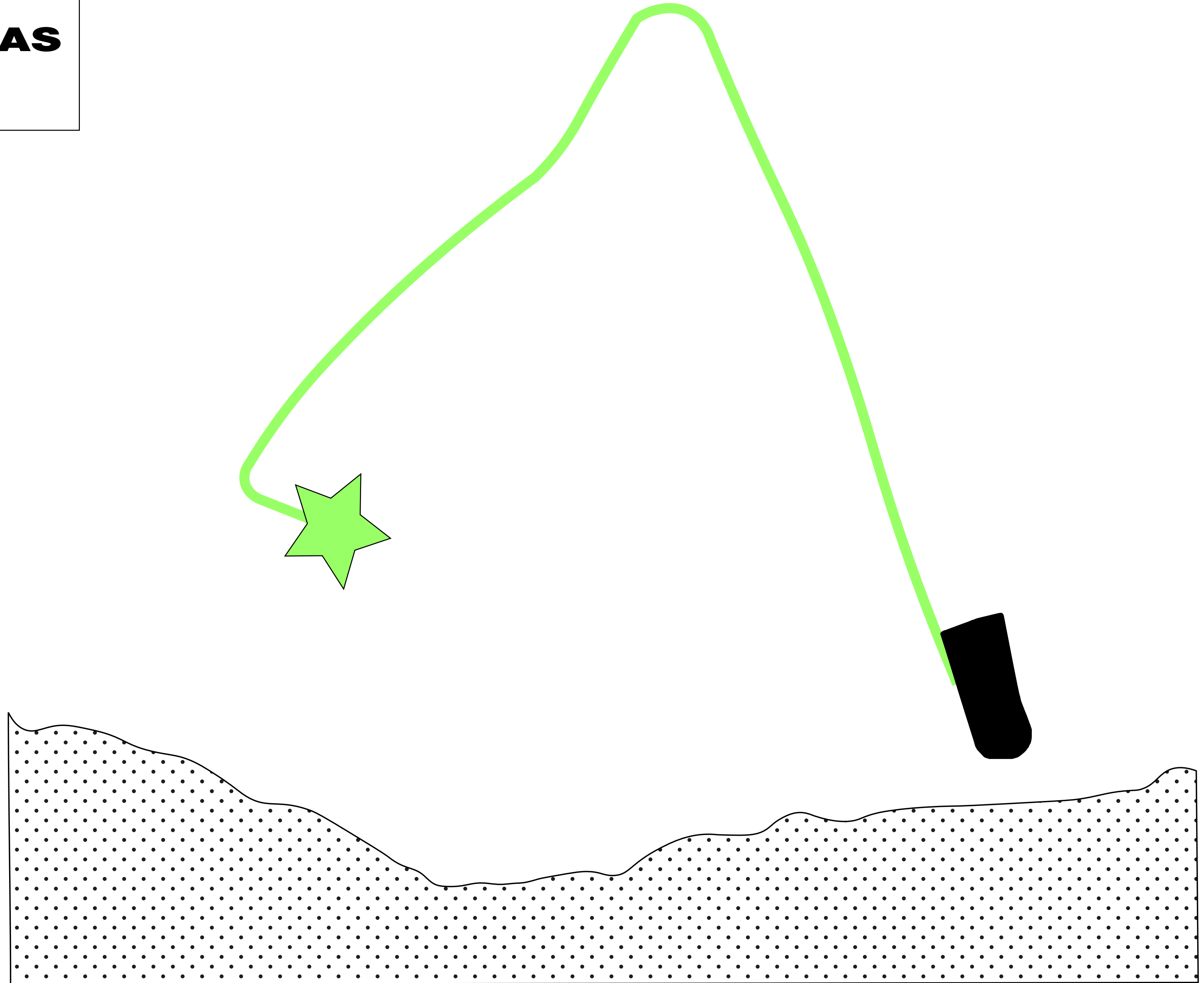
 **CASADA MÚSICA + OFICINAS**

 **COHAB + CRECHE**

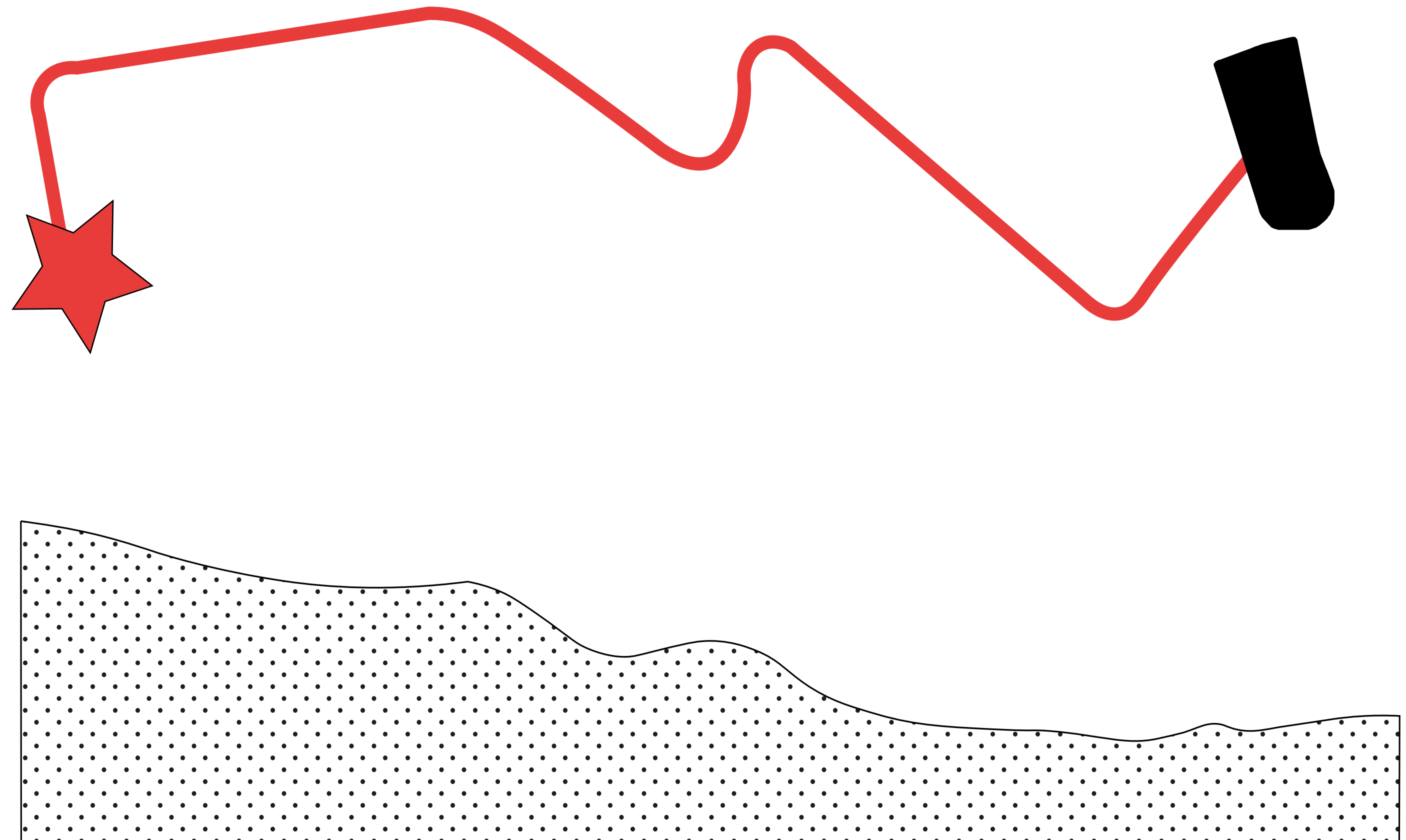
**CENTRO EDUCACIONAL
PROJETO 04 ANO**

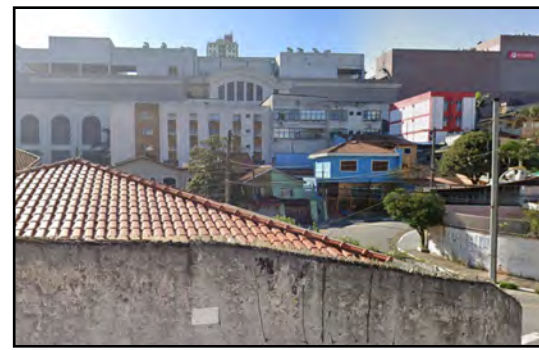
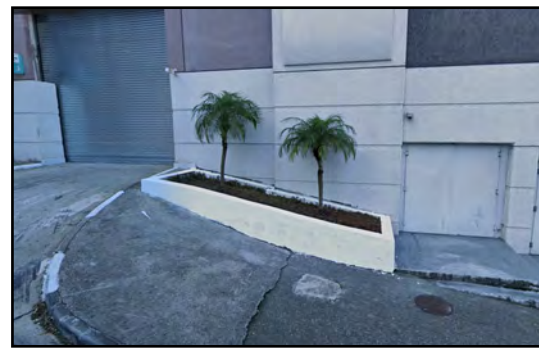
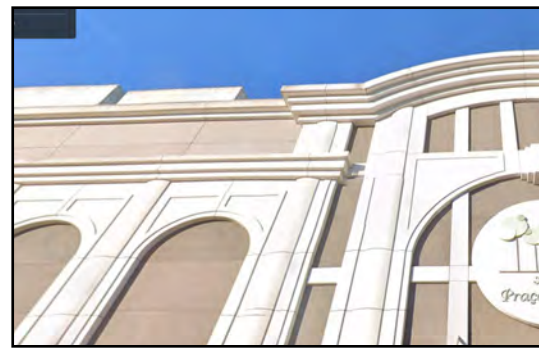
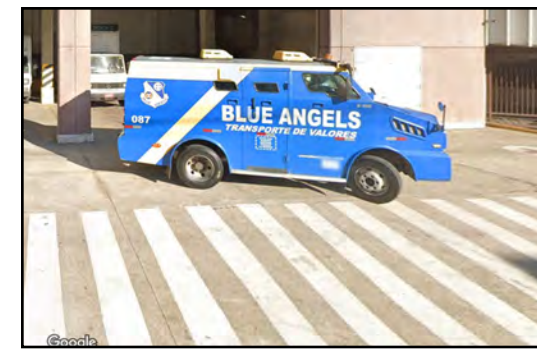
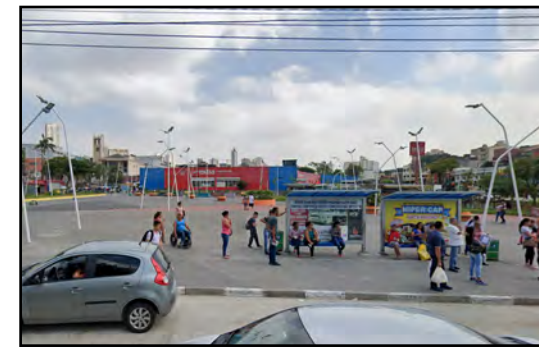
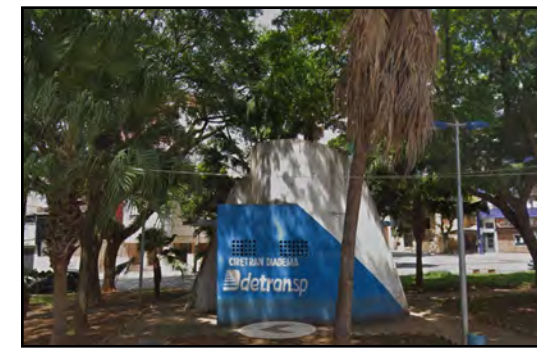
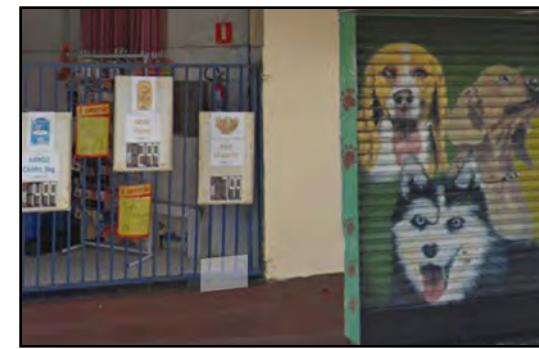
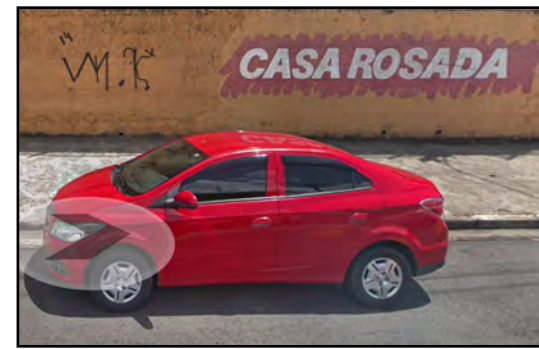
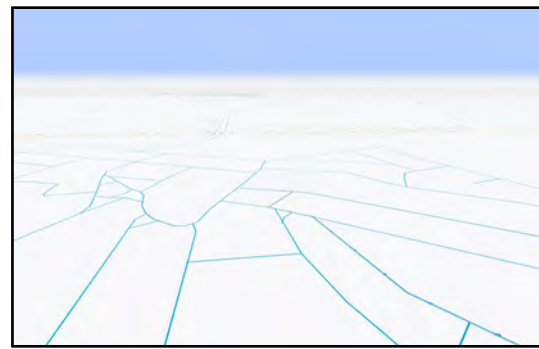
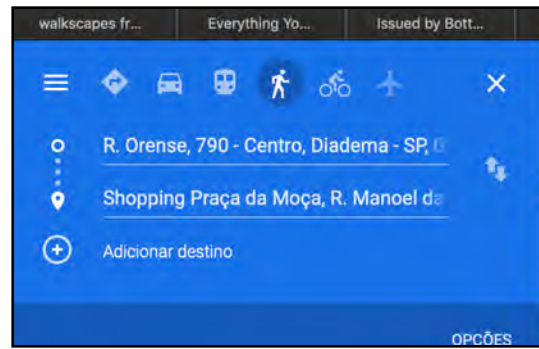
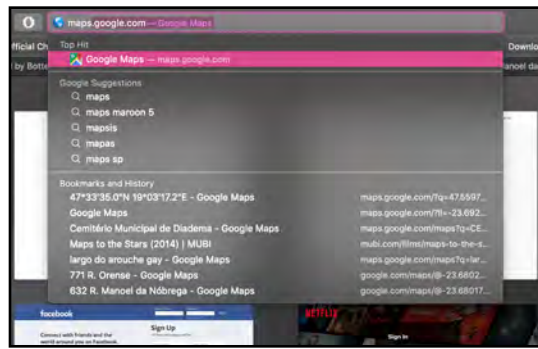


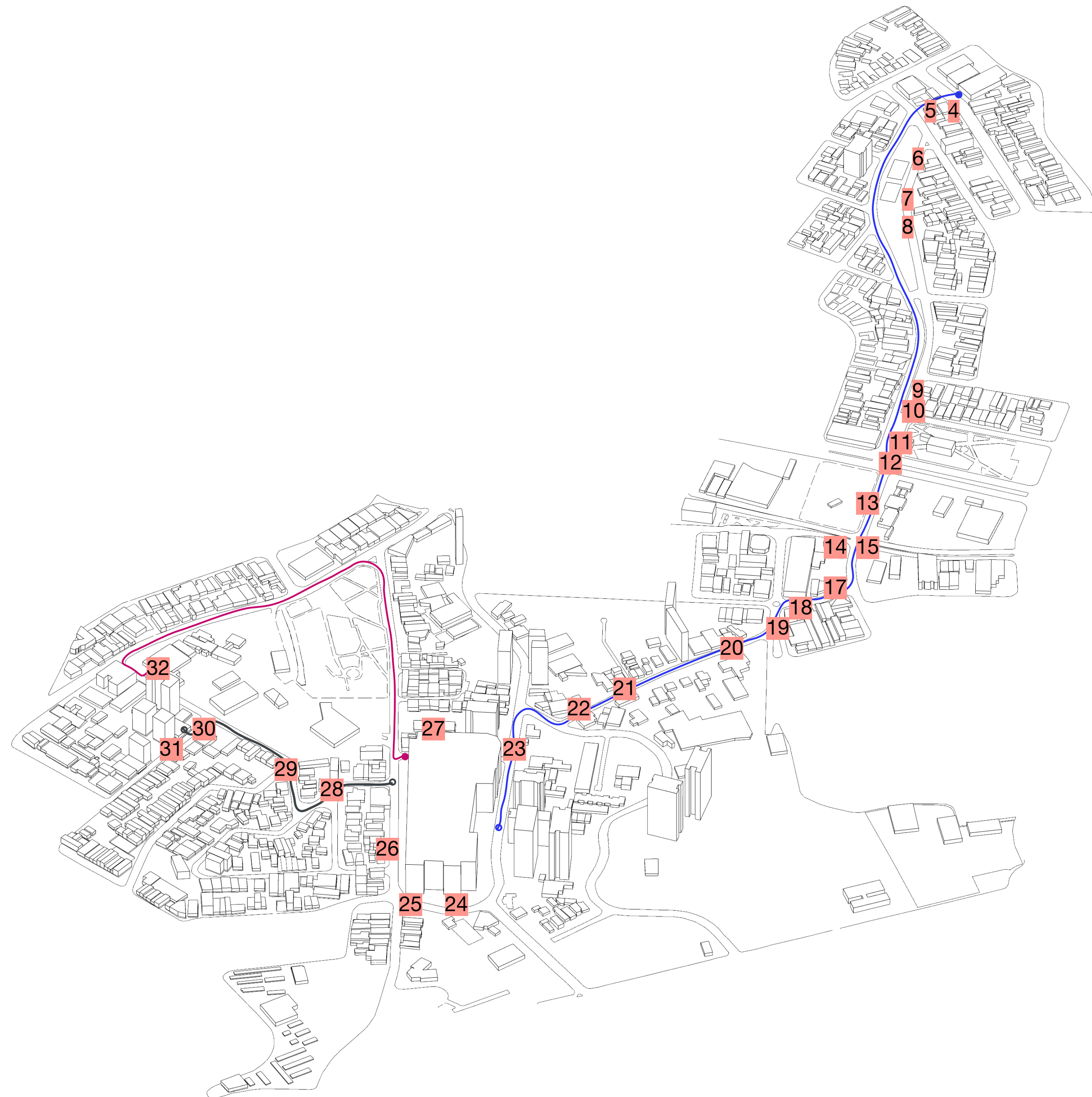
CASA DA MÚSICA + OFICINAS
EXERCÍCIO ÚNICO

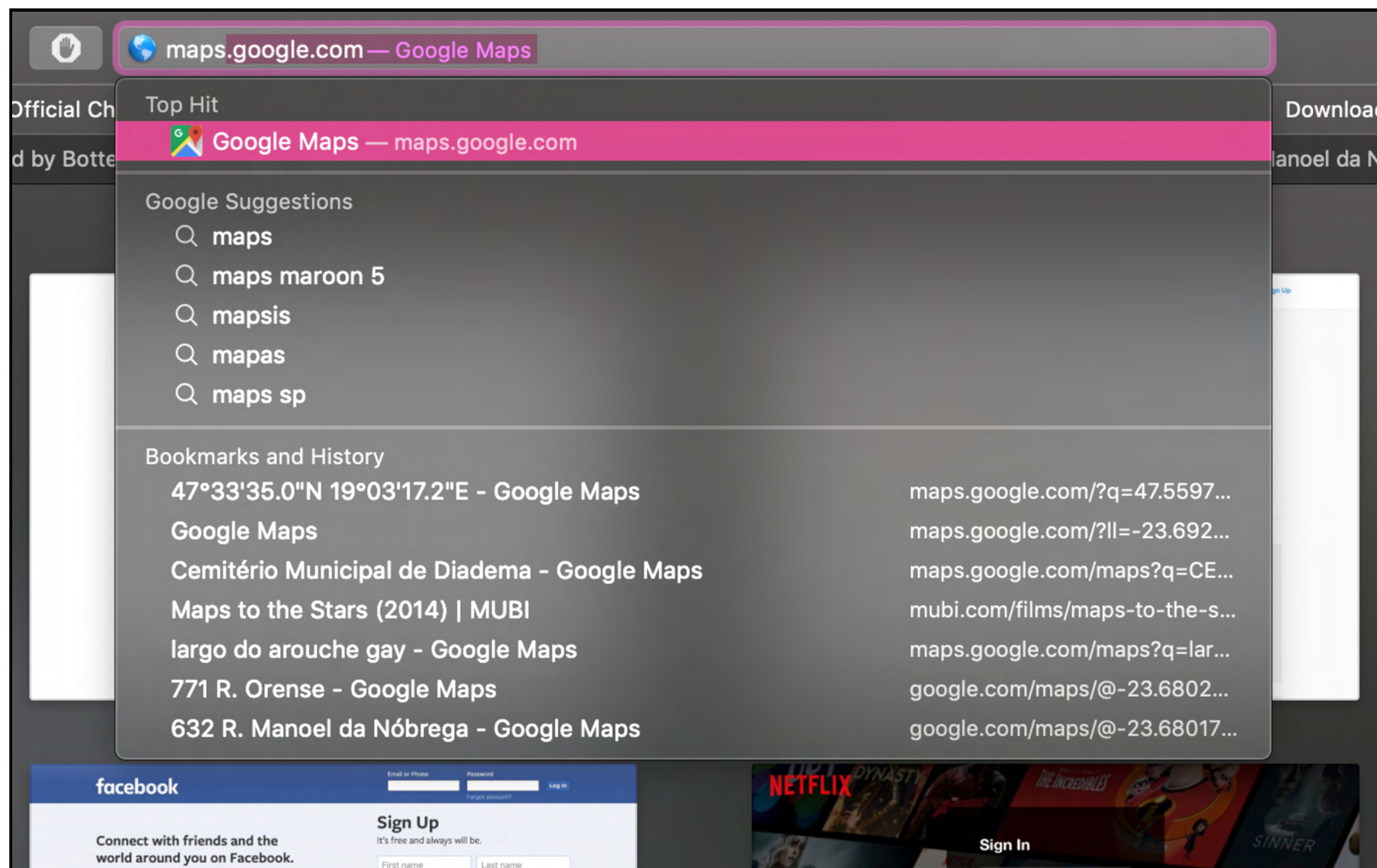


**HABITAÇÃO COHAB + CRECHE
PROJETO 03 ANO**



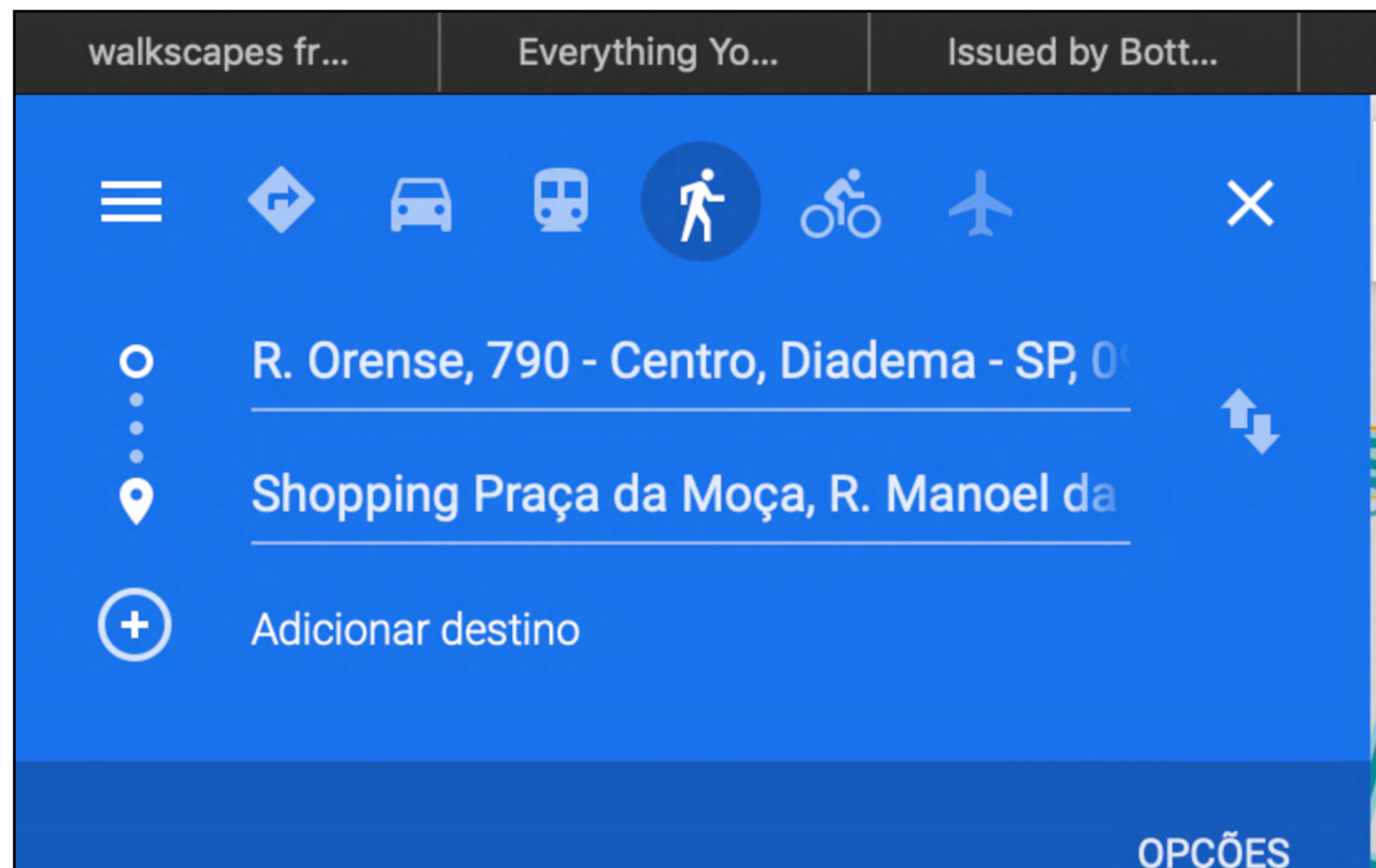




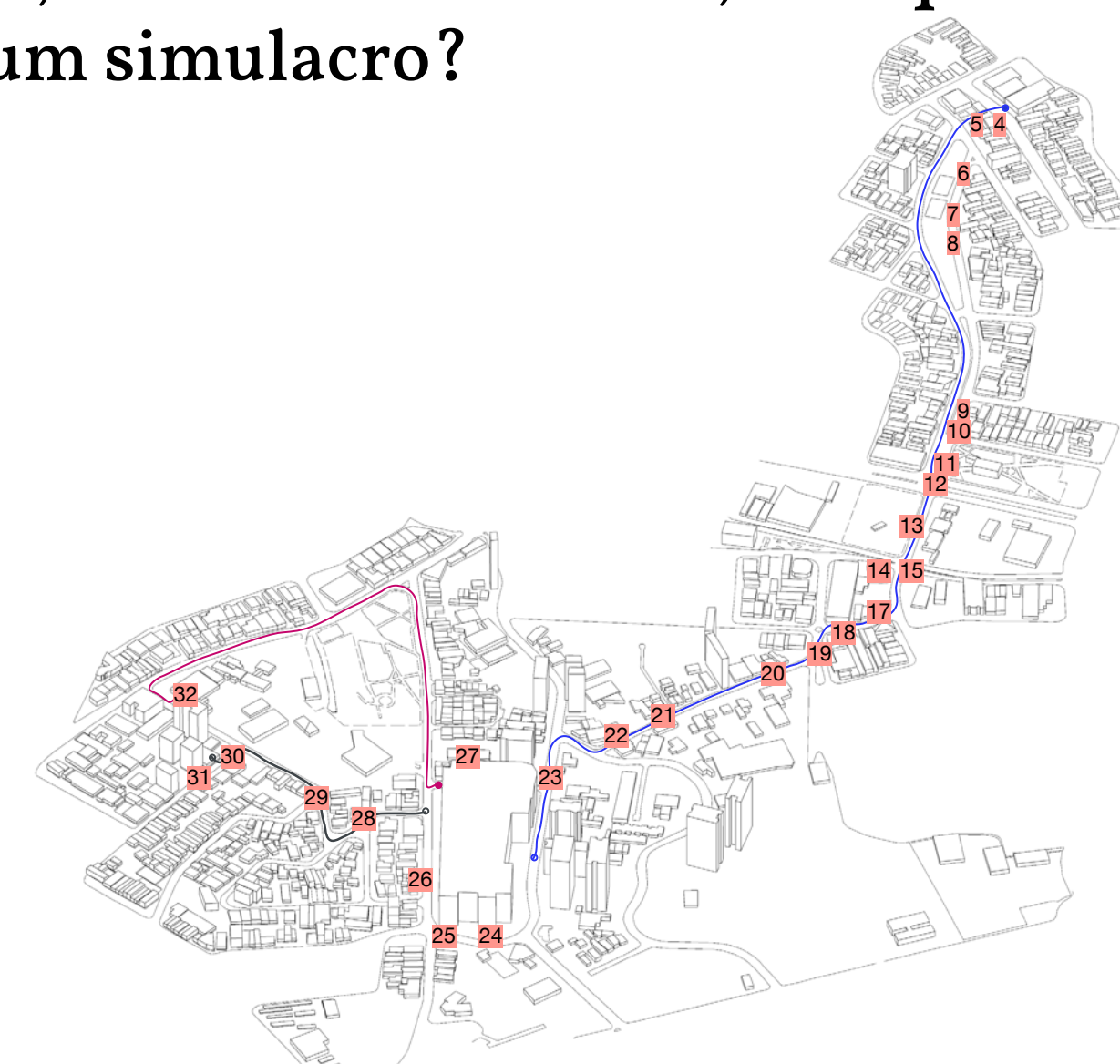


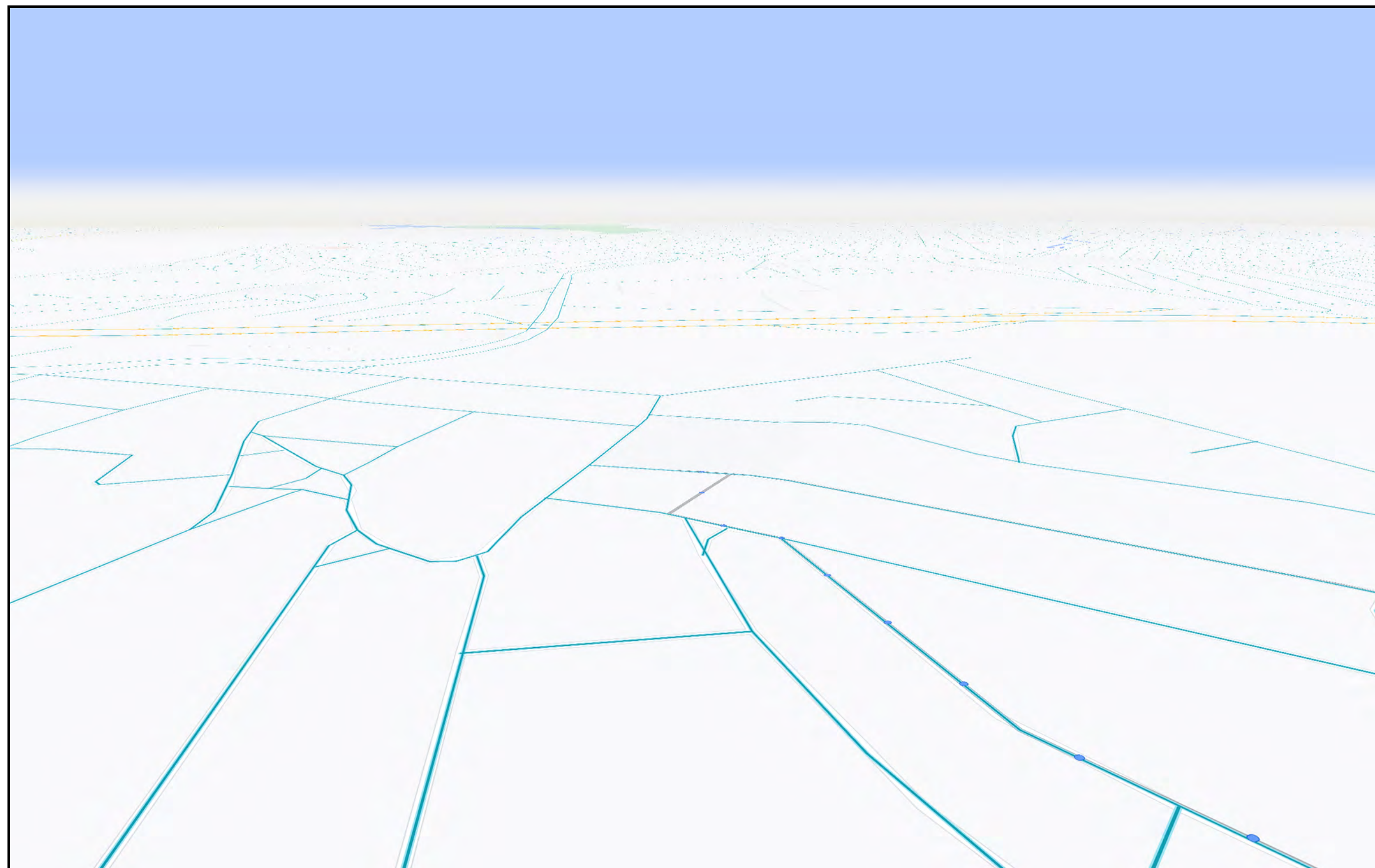
01. Vou à Diadema. Abro meu computador - SENHA: - Clico na bússola azul - SAFARI, enquanto digito MAPS__, a primeira sugestão completa em uma cor rosa o endereço, ENTER, clico. O caminho a ser percorrido é do projeto da Ana, passando pelo Shopping Praça da Moça, pelo terreno do projeto da Victória e Júlia, e finalmente ao ginásio, local de intervenção da Flora. Calculo a rota a pé, a maneira completamente oposta à minha, a pé sentimos o sol batendo na nuca, ouvimos nosso caminhar e as buzinas, enxergamos a poeira pairando no ar, tropeçamos no paralelepípedo e estamos suscetíveis à fuligem, aos arranha-céus, ao conflito. Aqui, digitalmente, sou um mero cursor, um símbolo genérico de flecha que paira pelos milhões de pixels da tela de um computador que meticulosamente formam a imagem que agora vejo.





Após rapidamente apertar meus dedos contra as teclas, como agora faço, dois endereços estão inscritos: R. ORENSE, 790 e R. MANOEL DA NÓBREGA 712. O mapa de Diadema surge na tela e uma minhoca de pontinhos azuis o cruza. Isso que eles chamam de percurso a pé é nada mais nada menos que um plano, uma sugestão, uma mecanização do que gostaríamos de pensar o que é de fato caminhar pela cidade. O plano do GOOGLE virtualiza o real mas também torna o real uma espécie de virtual, suas indicações podem encher ruas específicas de carros, fazendo com que buzine-se sem parar em um lugar que sempre foi quieto, ou esvaziar a avenida mais cheia da cidade. Tornou-se um simulacro, mas afinal de contas, será que todo mapa já não é um simulacro?





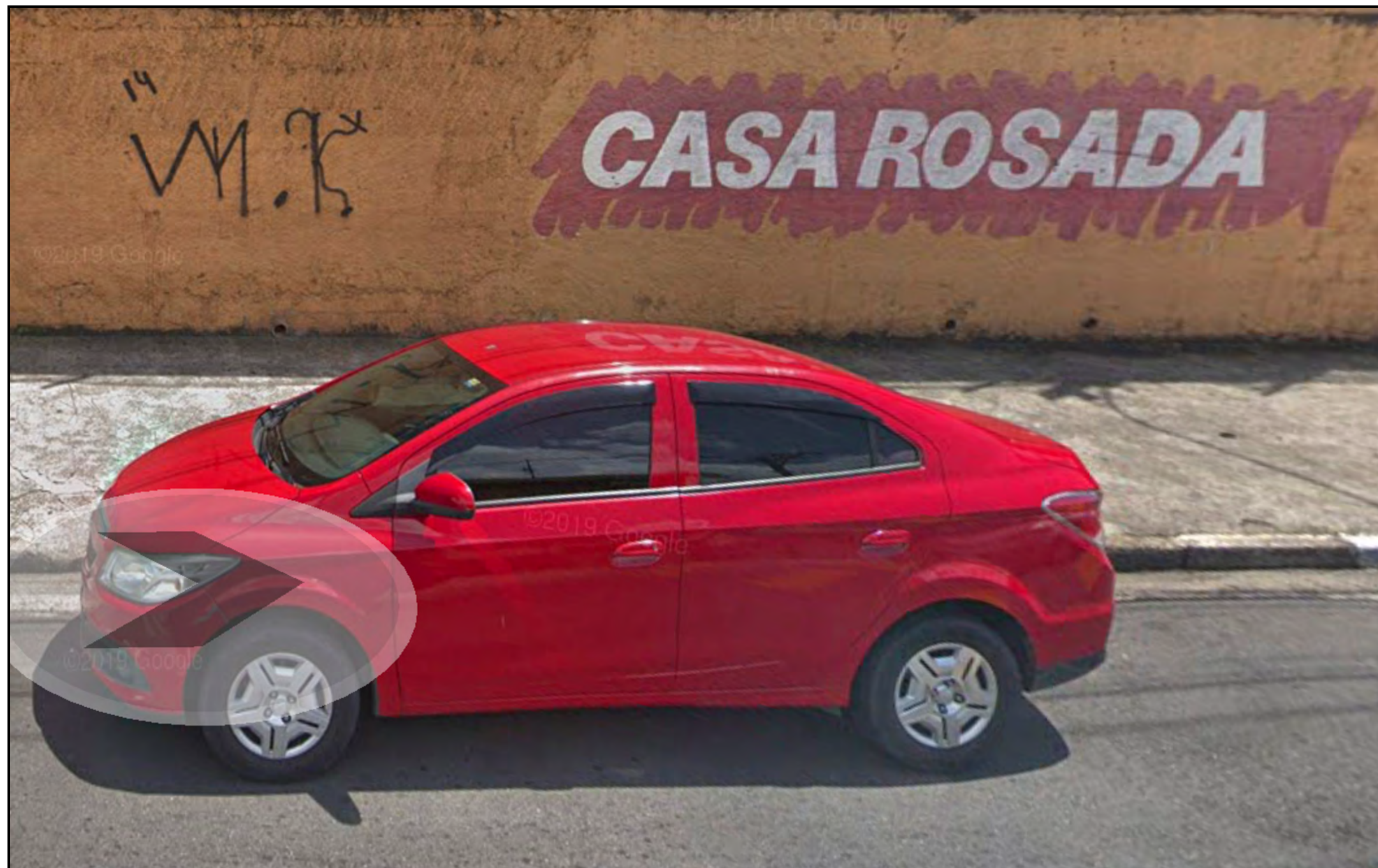
Clico em um pequeno boneco laranja no canto direito da tela, o agarro com meu cursor e a imagem é como se houvesse uma corda puxando-o pelo pescoço, tremo minha mão e sua cabeça fica estática enquanto as pernas voam de um lado ao outro, ele paira sobre esse plano virtual, onde as ruas são desenhadas com tamanha perfeição que parecem que não alagam, não cheiram ou que lá não crescem ervas, matos e musgo. Ao libertar o bonequinho laranja da força, ele pula para o ponto de partida, vemos o plano horizontalizar-se, e ao fundo, um horizonte azul celeste se desfoca.



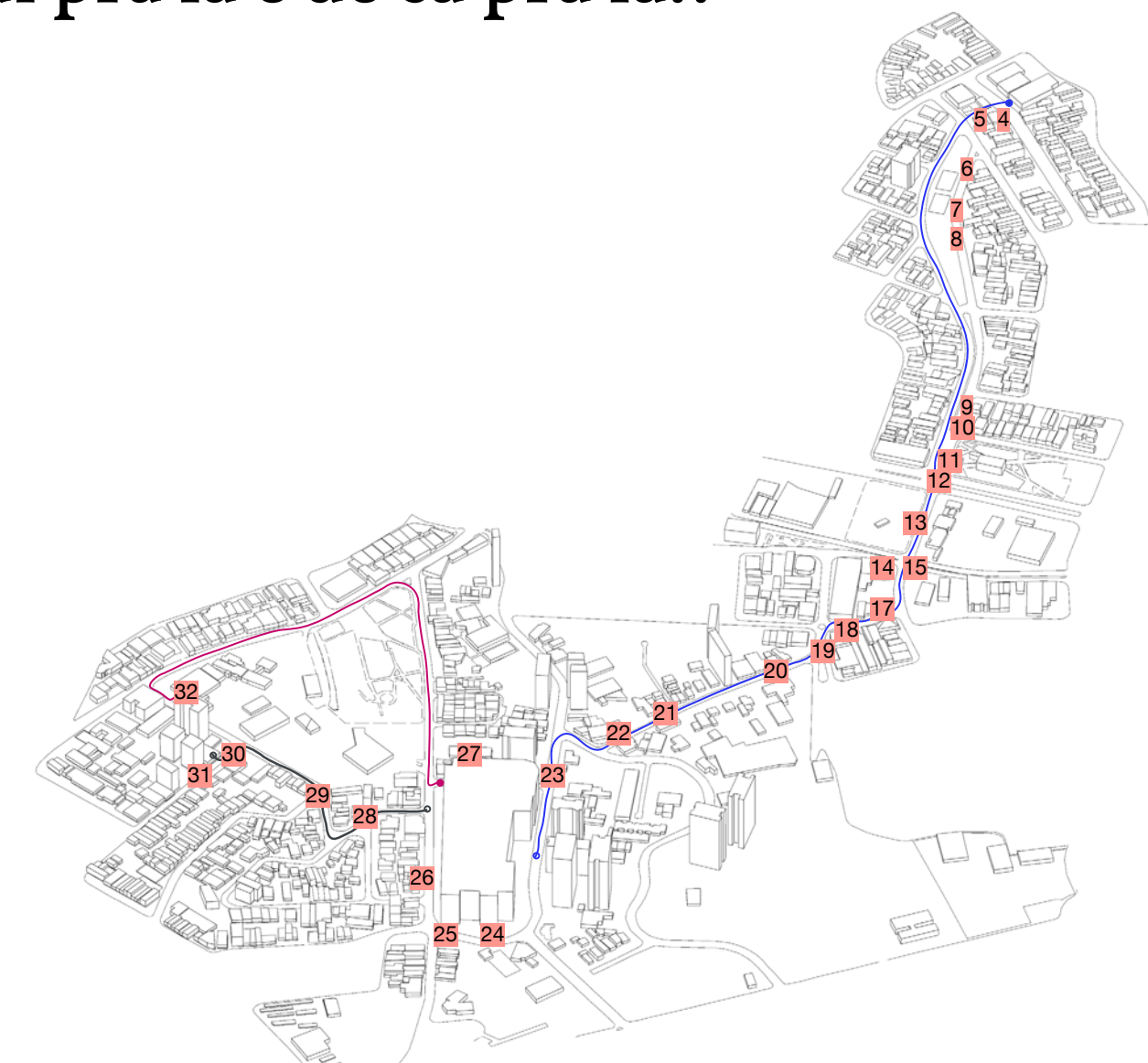


A imagem do primeiro endereço, aparece na tela como a visão do acordar, adaptando-se a luz súbita. Uma grande flecha cinza, semi-transparente, paira como um disco voador no centro da tela. Enquanto nos dois lados os nomes das respectivas ruas são inscritos digitalmente. Duas ferramentas, para nos movermos e nos orientarmos, respectivamente. No plano virtual sempre há um destino e as ruas sempre tem nome.





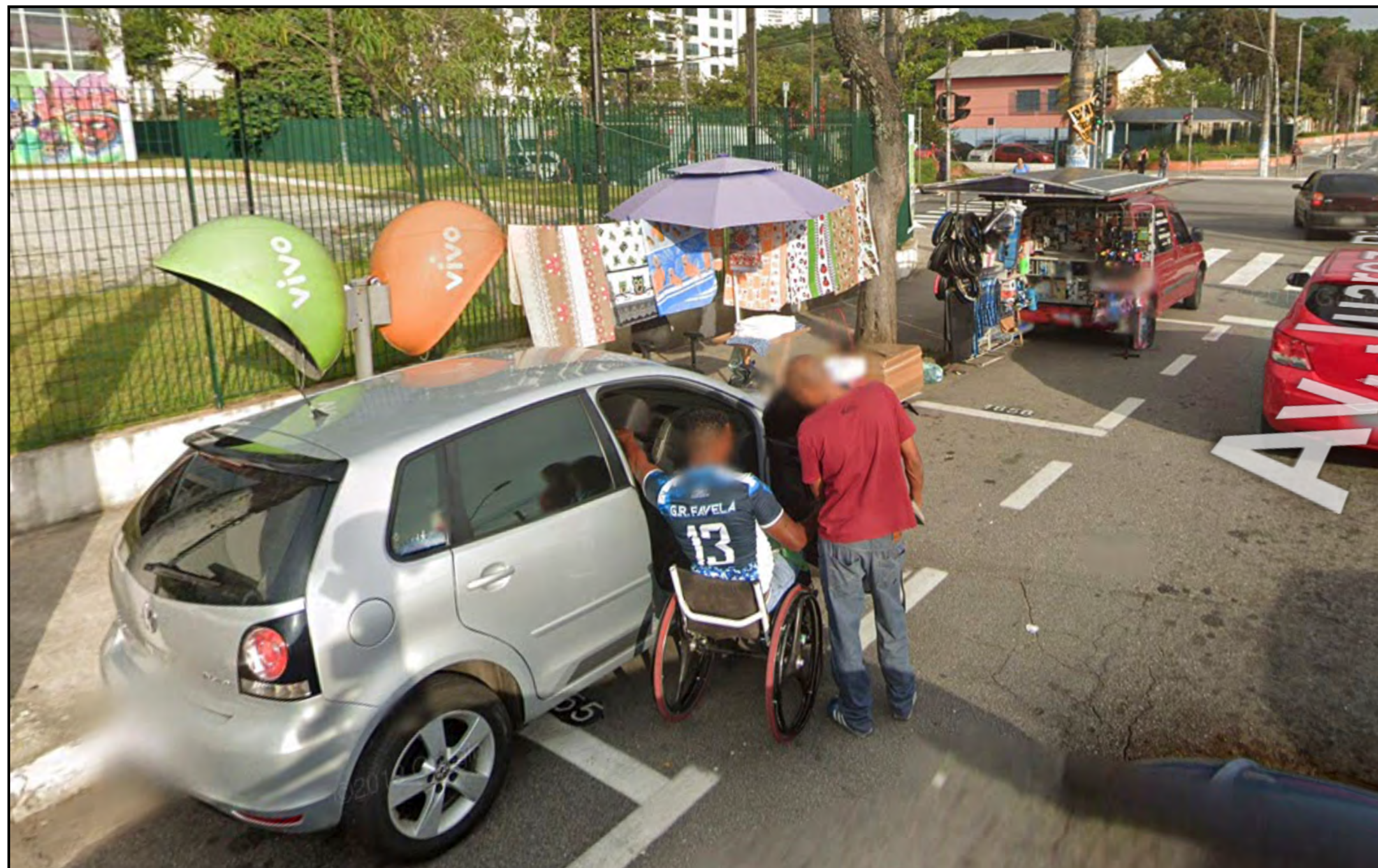
Seguindo meu caminho, sinto-me como um espião. Único visitante deste espaço digital urbano, que aparece em minha tela. Navegador anônimo. Faço capturas de tela SHIFT + COMMAND + 3 e registro o que me prende a atenção. A cena de um carro vermelho em frente à parede escrito “CASA ROSADA”. A grafia se insere no muro de forma não muito diferente de como vejo os nomes digitais das ruas ao lado, escrevemos como podemos, indicamos, comunicamos. O carro vermelho tem formas orgânicas, desenhos que partiram daqui para lá, impressos em 3D, vetorizados e precisos. Vetores que sugerem velocidade, tecnologia, formas que lembram as pinturas de Deborah Remington. Daqui pra lá e de cá pra lá..





Estou agora na AVENIDA JUAREZ RIOS DE VASCONSELOS, um nome que o MAPS não me permite esquecer, imprimindo-o a cada clique que faço do meu percurso. Observo a partir das fachadas coloridas e de seus anúncios como essa é uma via comercial. Pela tela do computador noto um supermercado e um petshop, a planificação da imagem, aqui, faz parecer que os cartazes de oferta do mercado e os animais pintados no portão do petshop são as mesmas coisas. A oferta é distante, pouco me importa o preço do pão francês que daqui não vou conseguir comprar, pouco importa esses desenhos de animais que não vou ouvir o latido. Aqui só me servem as imagens. Navegador anônimo.





Do outro lado da avenida observo uma arquitetura peculiar, DETRANSP está escrito, parece mais um banheiro público do que algo relacionado ao trânsito. As cores branco e azul do volume desconstruído com as palmeiras que o rodeiam, me transportam para uma piscina pública, conseguiria imaginar facilmente um salva-vidas ali sentado em cima dessa edificação bizarra chamando atenção das crianças que teimam em mergulhar sob os nadadores da raia rápida. Uma piscina faria bem aqui no canteiro central da avenida, vejo que a grama está morta, seca e amarela.





Me encontro no meio do tráfego, inocência a minha imaginar que estava caminhando pela calçada, essa visão panorâmica das duas fachadas ao meu redor só é possível se eu estiver dentro de uma dessas máquinas na rua, ou se eu mesmo for a máquina. Tento olhar para os meus pés, estou acoplado em um FIAT UNO branco. A placa está borrada, talvez seja esse o elemento mais belo da imagem, essa opacidade artificial... Parece guache.





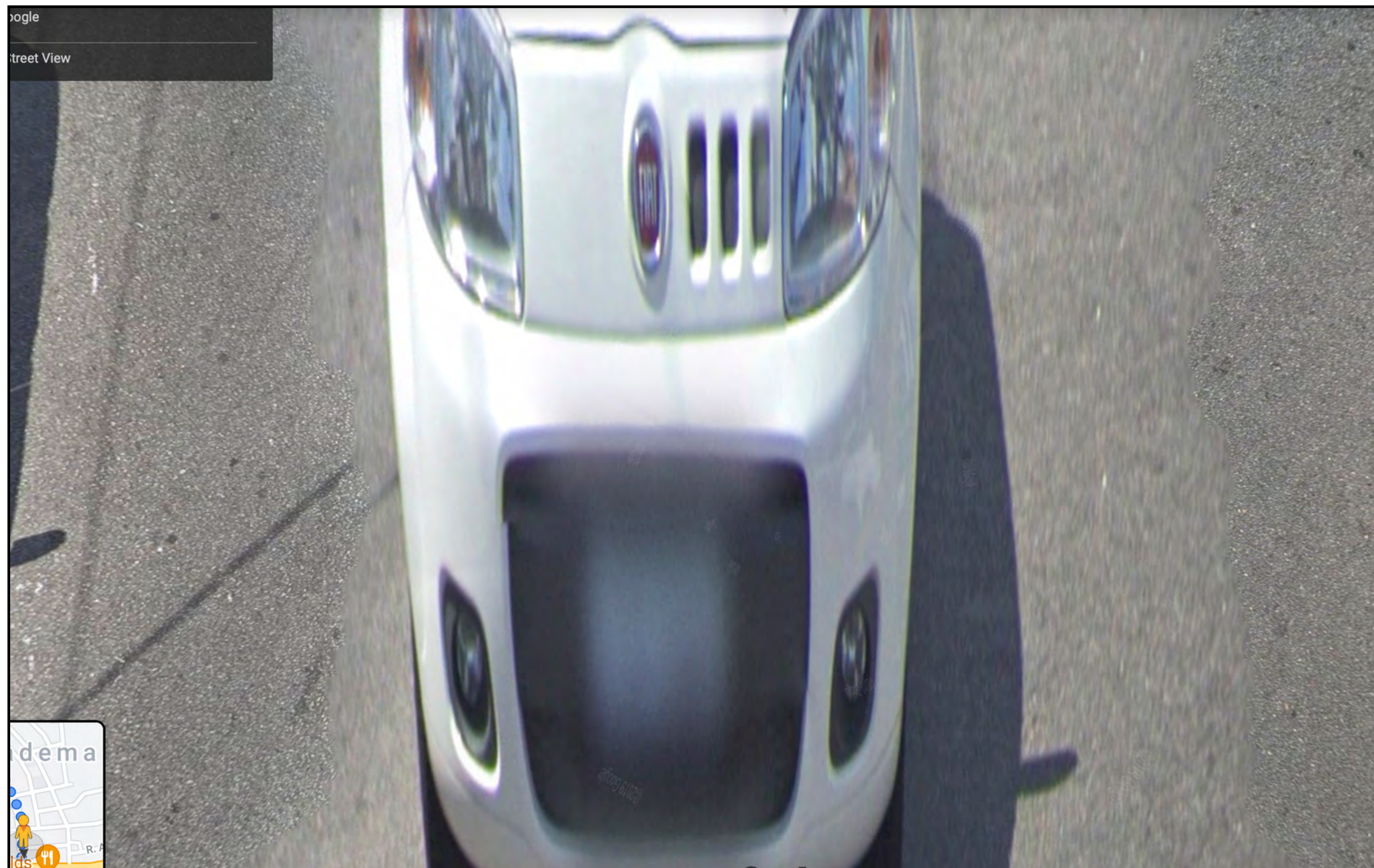
Passo em frente de algo que aparenta ser um centro cultural, FÁBRICAS DE CULTURA. Não parece ser nada convidativo, lembra mais um hospital do que qualquer equipamento que se pretenda ser cultural. Imagino seus arquitetos chamando esse troço de “minimalista”. O grande quadrado branco da sua empena cega parece algo colado ali no céu, um grande vazio que contrasta com a árvore e nega a avenida à sua frente.





Estou quase na esquina da avenida, parado com diversos outros veículos no sinaleiro. É a primeira vez que vejo pessoas interagindo, um comércio informal, tapetes estendidos sobre a cerca do centro cultural. Uma caminhonete com sua traseira aberta, cria-se uma loja facilmente desmontável, ali parecer ter de tudo, é colorido, a traseira dessa caminhonete parece ser mais interessante que todos os comércios fixos estabelecidos ao longo do percurso até agora, urbanismo post-it.





Ainda parado com diversos outros carros no sinal, olho para trás. Um motoqueiro com seu rosto borrado, o nome da avenida flutuando, não me permitindo esquecê-lo.. JUAREZ RIOS DE VASCONSELOS. Ao fundo vejo um homem de costas, ele caminha entre os veículos e mostra aos motoristas uma placa. ME AJUDE ESTOU COM FOME. CHICLETES TRIDENT 5 REAIS, BALA 3 REAIS. Pode ser qualquer uma dessas, daqui da tela não tenho leitura. São esses tipos de conflito que não enfrentamos digitalmente. Não enfrentamos todas essas pessoas que, nas ruas, passam fome em nossas frentes.





Estou no cruzamento da avenida com uma rodovia estadual que corta Diadema. Vejo um prédio alto que aparenta ser um hotel de rede qualquer e uma grande placa do McDonald 's. É notável o padrão de cidade genérica ao longo das rodovias e vias expressas, uma cena como essa eu poderia ver em Lagos, em Detroit ou Bangkok.. Bastaria digitar outro endereço no navegador logo acima





Olho para baixo, vejo um corpo desfigurado e distorcido pelos pixels da tela. As faixas pintadas no asfalto se desencontram ao compor a imagem. Parece que houve um desastre, um terremoto na interseção.





Passo em frente a uma praça seca, postes luminosos tortos cravados no solo lembram alfinetes. Pouca coisa há na praça, ao fundo, vejo o supermercado Extra ocupando o horizonte. No primeiro plano, um ponto de ônibus lotado, pessoas sentadas em frente a propagandas, seus rostos borrados misturados com os grafismos de outros dois mercados mais populares... A concorrência é esperta.





Cruzei a avenida, observo meu lado direito, na esquina tenho diversas informações. Lava Rápido. Estacionamento. Ballet. Assistência técnica. Lan House. Combo de um Happy Hour. Apartamentos de dois quartos com uma suíte. Essa esquina de Diadema me lembra de quando assistimos ilegalmente um filme, milhares de anúncios que surgem na tela. Procurando pelo X. Era vírus. Virtualmente podemos instalar um plug-in de AdBlock, seu equivalente na cidade real poderia ser a lei Cidade Limpa.





A esquina do lado esquerdo parece encenada, indivíduos vestidos de roxo, rosa, vermelho, combinando com a paleta do camelô de eletrônicos logo atrás. Não é à toa que observo como de alguma maneira nossos espaços estão virtualizados. Aqui, a imagem do outdoor ocupa mais espaço do que o próprio comércio abaixo. A imagem produzida digitalmente interfere na nossa paisagem urbana, e em alguns momentos ocupa mais da nossa visão que os espaços físicos. Ou os espaços físicos são ocupados com bugigangas, parafernalias que protegem nossos aparelhos eletrônicos. Essa utopia libertadora do ciberespaço parece contaminar a cidade, cheia de limitações. O digital é sedutor.





Aqui, quatro elementos. Dois anúncios iguais de fabricação e reforma de sofás, um para pessoas de estatura mediana e o segundo para gigantes. Um anúncio de fabricação de camas boxe. Os sofás e as camas flutuam nesse espaço de fundo degradê. A janela tem quase o mesmo tamanho dos anúncios e é de longe o elemento menos chamativo, ao seu lado um vazio na fachada é preenchido por um material vermelho com um tecido de padronagem colorido. O planejamento dessa fachada é tão confuso quanto um mural qualquer do Miro, feito às pressas por estudantes exaustos de fazer nada.





Sinto que estou chegando perto do shopping, passo em frente a uma floricultura interessante. Sua placa tem uma grafia singular, que se tentassem replicar nunca conseguiriam algo tão interessante. As letras parecem de cartoon. A floricultura Tokio Garden Bom B.





Aqui na rótula cheguei a conclusão que a floricultura Tokio Garden Bom B não está para brincadeiras. Seu anúncio foi colocado no meio da rótula, novamente com um trabalho gráfico inigualável. A grafia da floricultura foi o elemento mais analógico que vi até agora no meu percurso, mais verdadeira.



Me encontro em frente a um cabeleireiro e barbearia. A identidade dos dois modelos que posam foi protegida pela plataforma, borrando seus respectivos rostos, restando somente observar seus cabelos cuidadosamente esculpidos e cheios de gel.



Olho para uma calçada pintada, uma estética automobilística, meio fórmula 1 ornando com a flecha do MAPS que ali paira. Parece um jogo do Mario Kart num Burle Marx vernacular.





Me interessa observar daqui desse plano digital as engenhocas que os humanos fazem, é uma forma de humanizar um pouco meu percurso. Me faz lembrar que essa cidade não é tão fantasma e fria como parece aqui atrás da tela, com suas letras flutuantes e rostos borrados.





Cheguei ao shopping. A luz está clara e forte. Observo um carro-forte azul saindo de uma das docas ao fundo. BLUE ANGELS, transporte de valores. Do mesmo lugar que saí o dinheiro, também sai uma enorme quantidade de lixo. Consumo e descarte.. As docas ao fundo servem bem para essas duas funções.





Contornando a quadra do shopping Praça da Moça, observo um grande outdoor, ao fundo o céu é azul e as palmeiras são perfeitas, verdes e brilhantes. O outdoor anuncia PLAYARTE CINEMAS. É o prelúdio da cidade artificial.





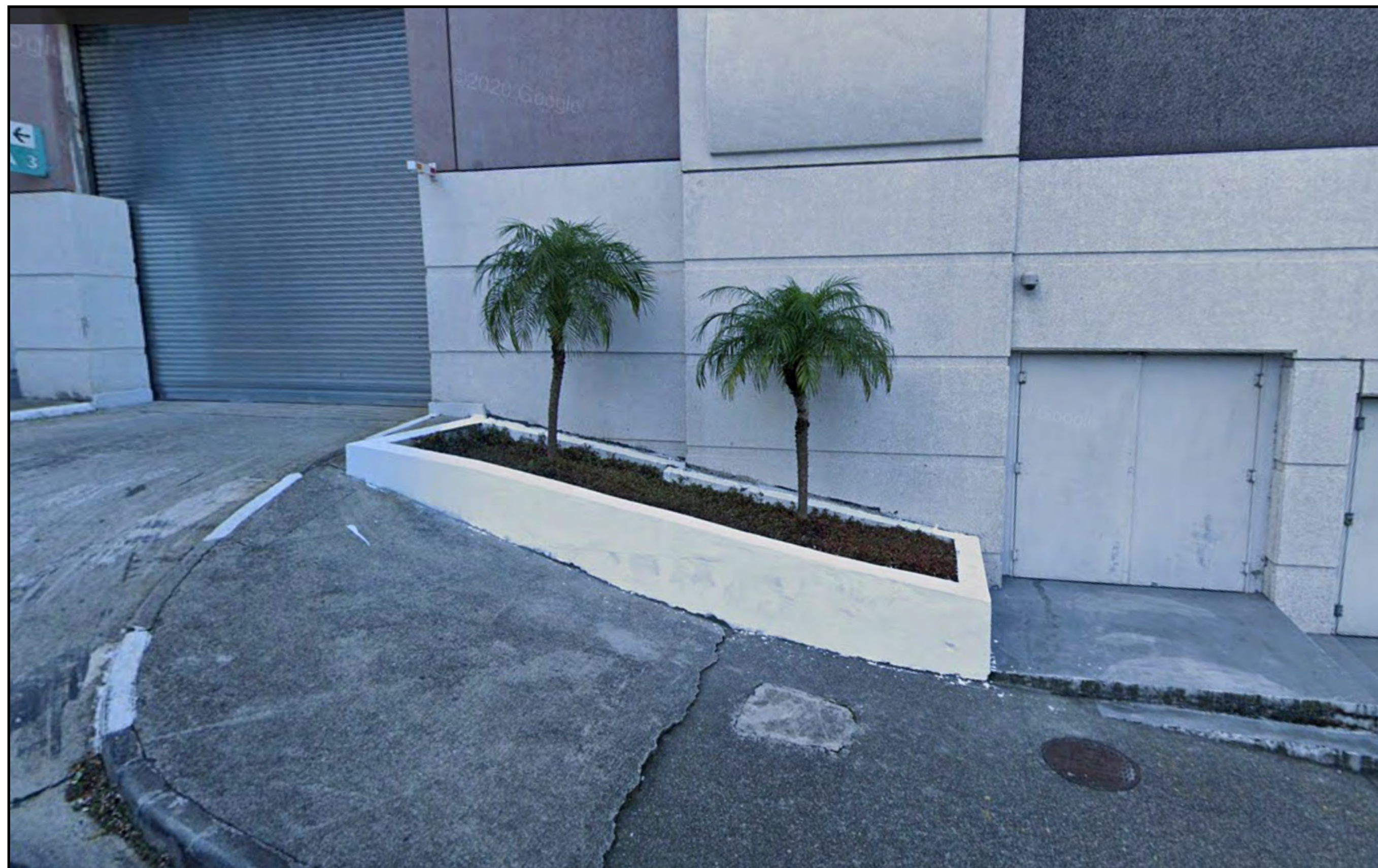
Avançando na rua, percebo como os limites do shopping encontram a cidade. O projeto me parece confuso, é quase como se o muro enorme que encontra a calçada sente culpa por tamanho impacto e, a cada 2 metros, abre uma pequena fresta revelando o seu interior. Lembra uma fortaleza, com suas pequenas aberturas para observação de inimigos.





Estou em frente a entrada principal do Shopping Praça da Moça, aqui chegamos no estado máximo de virtualização da imagem... Sua fachada parece vir de um video game ou render, com formas deslocadas de suas funções, janelas completamente opacas, servindo somente como cenografia que compõe essa ideia de palácio ou fortaleza que o shopping pretende ser.





Aqui observamos a gentileza urbana que o shopping propõe em seu entorno, após percorrer ao lado de muros com mais de 20 metros de altura, projetou-se um pequeno canteiro com duas palmeiras mixurucas. Me parece que a arquitetura tenta se desculpar, minimizar seu impacto e não obtém sucesso.

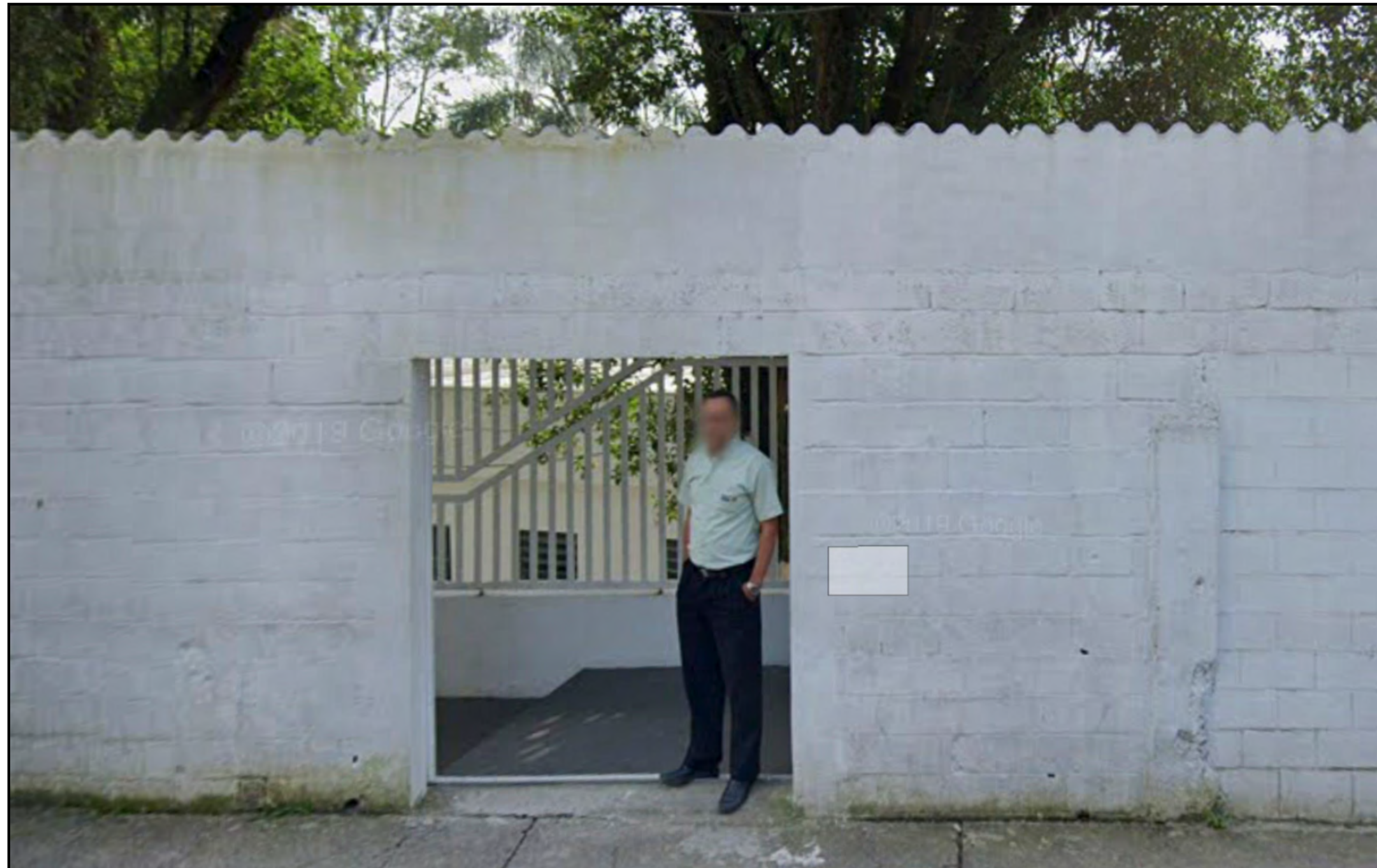


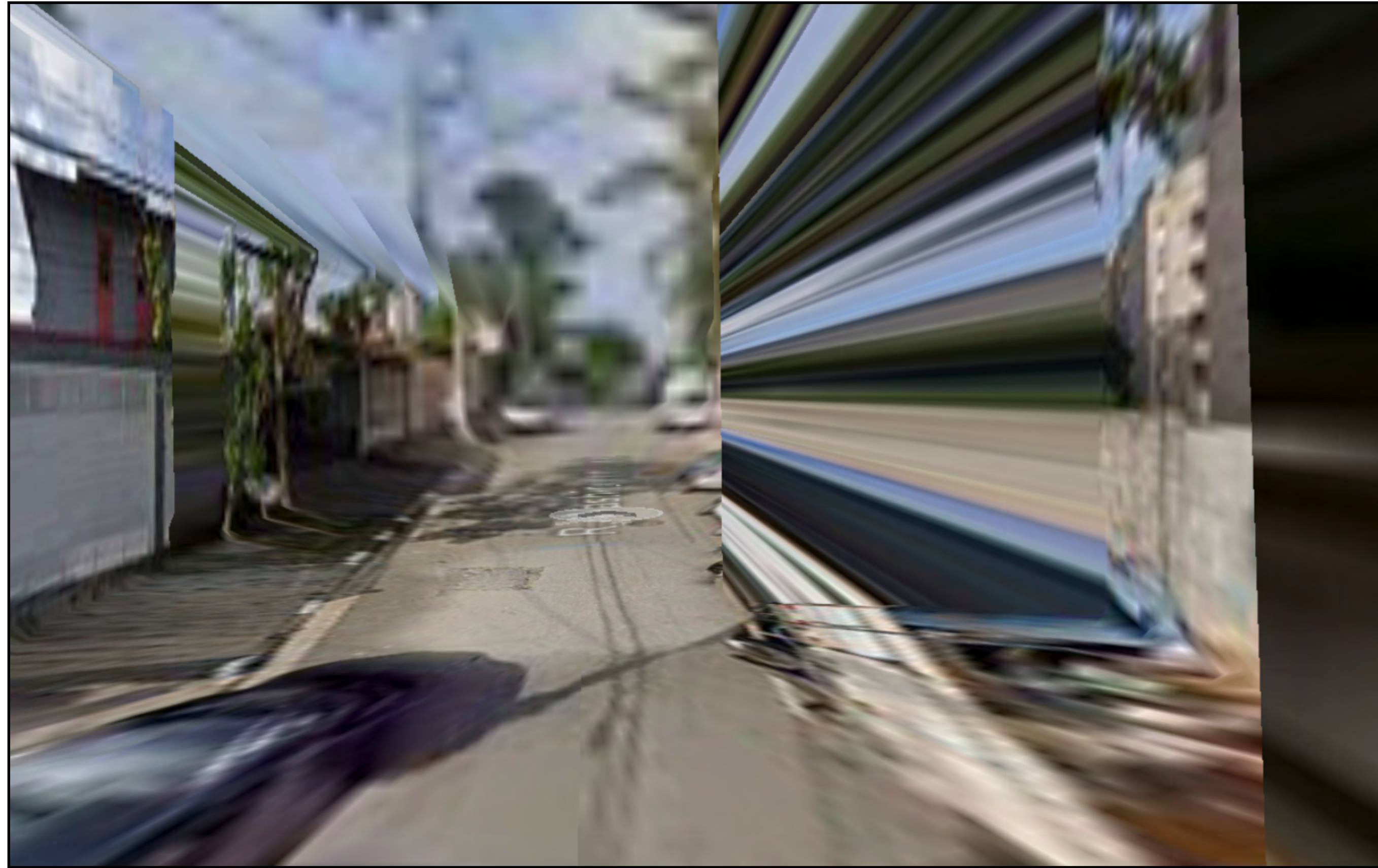


Subo a rua em direção ao projeto da Júlia e Victória, olho para trás. O shopping ocupa a minha visão do horizonte quase por completo, é uma fortaleza repleta de logos de lojas com volumes pouco projetados pro seu exterior. O complexo parece ser pensado somente em seu interior, expandindo-se quando preciso, criando um ruído na paisagem urbana. Olhando daqui, parece que edifícios da cidade se fundiram e tornaram-se essa grande estrutura.



Na RUA ORIENTE MONDI, vejo um homem frente a uma entrada perfeitamente recortada em um muro branco. Parece um vigilante que, se estivéssemos no plano real, poderia nos dizer muito mais sobre essa rua do que observamos aqui atrás da tela.





Viro para a rua Washington Luiz, onde se localiza o terreno do projeto. O maps me lembra novamente onde estou, e que o que vejo são meramente pixels, que com meramente alguns cliques minha visão pode ser distorcida. Faixas das imagens se abstraem em minha direção.





Olho para cima e vejo uma árvore, seria normal se suas folhas não fossem levemente borradas pelo efeito da imagem. Os borrões denunciam a artificialidade do meu percurso, a árvore é somente uma imagem.





Cheguei ao meu destino final, frente ao ginásio há uma barraca de lanches com seus banquinhos posicionados bem em frente a um carro prata. Me interessou observar no percurso esses momentos de arquitetura improvisada, das atividades que ali podem ocorrer. São as únicas estruturas que permitem-me ver suas atividades, todos os outros edifícios são meras fachadas, imagens que não me permitem acessar seus interiores.

